

# CORPOREIDADE, TECNOLOGIAS DIGITAIS E ENVELHECIMENTO: RESSIGNIFICAÇÕES DA TERCEIRA IDADE NO PROCESSO EDUCACIONAL

Ítalo Rômany de Carvalho Andrade [\*]

Edilza Maria Medeiros Detmering [\*\*]

Allyson Carvalho de Araújo [\*\*\*]

[\*] Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local (Posmex), da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5226-0689>

E-mail: [italoromany@outlook.com](mailto:italoromany@outlook.com)

[\*\*] Mestre e doutoranda em Antropologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-16937661>

E-mail: [detmering@sti.ufpb.br](mailto:detmering@sti.ufpb.br)

[\*\*\*] Doutor em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) – Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0114-8122>

E-mail: [allyssoncarvalho@hotmail.com](mailto:allyssoncarvalho@hotmail.com)

## RESUMO

O presente artigo analisa como as tecnologias digitais afetam as relações sociais de um grupo da terceira idade, dentro do espaço acadêmico e no cotidiano – a partir da relação corpo, mídia e envelhecimento. Tendo como objeto de estudo os alunos do curso de Francês do Núcleo de Estudo e Pesquisa da Terceira Idade (NIETI), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), busca-se entender, assim, as complexidades e demandas da pessoa idosa por uma ressignificação em torno do que é ser terceira idade no cenário atual. Como percurso metodológico, foram utilizadas entrevistas semiestruturadas e observação participante. Dentro do arcabouço teórico, há diálogos com autores da sociologia, antropologia, comunicação e educação, como Campelo (1996), Buckingham (2010), Stepansky (2012), Martín Barbero (2014) e Longhi (2018). Conclui-se que as tecnologias digitais modificam as práticas sociais da terceira idade, transformando-se em pedagogias no processo de relacionamentos afetivos, nos anseios por uma interação com outros grupos e na busca de pertencimento a um espaço educacional.

**Palavras-chave:** Educação. Mídia. Corpo. Tecnologias digitais. Envelhecimento.

## INTRODUÇÃO

O acesso às tecnologias digitais dentro do universo escolar, conforme autores como Buckingham (2010), perpassa as formas como nos constituímos como sujeitos imersos no processo de uso dessas novas mídias nos saberes cognitivos. O sujeito jovem já emerge dentro desse contexto tecnológico, em que os dispositivos digitais são uma extensão do próprio corpo, considerando-se as definições de McLuhan (1964).

Entretanto, quando abordamos a problemática em uma outra faixa etária, a partir dos 60 anos (terceira idade – de acordo com a Política Nacional do Idoso), em que há toda uma mudança estrutural física e intelectual, os usos das tecnologias digitais nas instituições de aprendizagem podem modificar e ampliar o arcabouço do sujeito da terceira idade enquanto participante na busca de novos conhecimentos. É também um processo de inclusão, não o colocando à margem da cultura digital da chamada “sociedade da informação”, conceito aplicado por Castells (1999), sob a ótica da integralização da comunicação para além dos usos do domínio tecnológico.

Dito de outra forma, a inclusão das tecnologias digitais no processo educativo para a terceira idade implica em mudanças sociais e pessoais, pois o sujeito dessa faixa etária também anseia participar, ter espaço e voz na cultura digital. A aposentadoria não significa simplesmente ficar em casa, colocar os pés para cima e esperar o tempo passar. O idoso também quer namorar pelo *Tinder* (aplicativo de localização de pessoas para encontros românticos *online*), postar imagens no *Instagram* (rede social de compartilhamento de fotos e vídeos), editar seus próprios vídeos, falar outros idiomas. (FERREIRA, TEIXEIRA, 2017).

Na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), existe o Núcleo de Estudo e Pesquisa da Terceira Idade (NIETI), um espaço pedagógico que oferece cursos para pessoas acima de 60 anos. Criado em 1992, o NIETI tem por objetivo investigar o conhecimento relacionado ao processo de envelhecimento e à velhice, por meio de ações de ensino, extensão e pesquisa. Os cursos oferecidos são de idiomas (Inglês, Francês), Artes Manuais, Flauta, Biodanza, Fotografia e Computação Básica.

A partir da caracterização da problemática exposta, o presente artigo busca analisar como as tecnologias digitais afetam as relações sociais de um grupo da terceira idade, dentro do espaço acadêmico e no cotidiano – a partir da relação corpo, mídia e envelhecimento. Dessa forma, por meio dos relatos de experiências dos entrevistados – estudantes do NIETI –, busca-se também entender como e se as tecnologias digitais interferem nos modos de aprender um novo idioma, neste caso a língua francesa, a partir da relação com esses dispositivos.

Partimos da seguinte hipótese: o uso de tecnologias digitais no processo de aprendizagem é bem aceito por pessoas da terceira idade, pois desejam estar inseridas nesse novo contexto, apesar de possíveis dificuldades para se adaptarem.

Identifica-se essa oportunidade de pesquisa como passível de desconstruir estereótipos e categorias sociais, e de ampliar a concepção de nomenclaturas, tais como ‘velho’, ‘idoso’, ‘terceira idade’, ‘melhor idade’ etc. Necessário se faz provocar o debate sobre a marginalização do idoso, “um problema cultural, mas que pode ser agravado por atitudes peculiares de cada pessoa ou grupo.” (ALMEIDA & LOURENÇO, 2009, p. 240).

Algumas inquietações perpassam nosso diálogo com a corporeidade, as tecnologias digitais e o envelhecimento, referentes à maneira como esse corpo circula no espaço acadêmico, atento às inovações tecnológicas, cada vez mais desejoso de ser escutado como protagonista de sua própria história. Com o objetivo proposto pelo presente artigo, que é o de entender como as relações sociais de um grupo da terceira idade são afetadas a partir dos usos de tecnologias digitais no espaço acadêmico e no cotidiano, essas indagações foram parcialmente dirimidas por meio das narrativas da população pesquisada, o que nos permite fazer as análises aqui postas.

## **PERCURSO METODOLÓGICO**

Classificamos a pesquisa como descritiva, já que o tema é amplamente conhecido e nossa contribuição é a de fornecer uma nova perspectiva sobre o grupo estudado. Na elaboração do presente artigo, buscamos como percurso metodológico a observação

participante e as entrevistas semiestruturadas para fomentar as análises quantitativa e qualitativa. Para apresentação do perfil dos entrevistados, utilizamos dados obtidos em campo, no tocante ao acesso às tecnologias, ao uso dos dispositivos midiáticos em sala de aula etc. Por conseguinte, partimos para uma pesquisa qualitativa, abarcando resultados que buscassem exprimir as problemáticas vividas pelos sujeitos entrevistados no contexto das tecnologias digitais, a partir de suas próprias falas.

Explicitando em detalhes, o objeto de estudo desta pesquisa são pessoas que frequentam o curso de Francês Básico I e II no NIETI. A escolha se deu pelos seguintes motivos: pela facilidade no contato com os estudantes do curso de Francês, já que uma das autoras deste artigo foi aluna e é, atualmente, professora voluntária desta turma; e pelo fato de o NIETI se encontrar em pleno e contínuo funcionamento desde a sua fundação –, apesar de outras iniciativas da UFPB contemplarem as pessoas com mais de 60 anos (a exemplo do Instituto Paraibano do Envelhecimento, que iniciou suas atividades em 2019).

Dentro do exposto, escolhemos nove estudantes, do total de 25 pessoas que frequentam as aulas da professora voluntária – seis mulheres e três homens, com idade entre 60 e 80 anos –, para serem entrevistados/as. A razão de tal escolha se deu pelas histórias de vida de cada um/uma, explicitadas em sala de aula, ante o contato com a língua francesa e com as tecnologias digitais no cotidiano. Ademais, o universo da pesquisa é uma representação da turma, na qual 70% dos integrantes são mulheres.

O acompanhamento em sala de aula foi feito de forma constante, entre os meses de março a junho de 2019. As entrevistas semiestruturadas foram realizadas em junho e julho do mesmo ano. Por questões éticas, os nomes dos entrevistados e das entrevistadas foram suprimidos/as, apesar de todos/todas terem assinado termo de consentimento. Assim, o grupo participante será identificado no artigo por meio de números escritos em caixa alta (ENTREVISTADO 1, ENTREVISTADA 9 etc.). Os discursos foram transcritos fielmente, respeitando a linguagem e a fala de cada um/uma.

A entrevista semiestruturada foi dividida em três etapas: a primeira, focada nos dados socioeconômicos dos/das entrevistados/as; a segunda, centrada na relação com o curso de idiomas, com a turma e com o uso de tecnologias digitais, tanto em sala, quanto no cotidiano; e, a terceira, baseada nas perguntas em torno do que é e do que significa ser ‘terceira idade’.

Como arcabouço teórico, o presente artigo dialoga com literaturas da sociologia, antropologia, comunicação e educação, como Buckingham (2010), Stepansky (2012), Martín Barbero (2014), Longhi (2018), entre outros, que discutem terceira idade, mídia, corpo, educação e tecnologias digitais.

### **Terceira Idade: uma problemática atual e urgente**

A partir da observação de dados estatísticos sobre o processo de envelhecimento de homens e mulheres no Brasil, oriundos de pesquisas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o IBGE, é possível verificar o crescimento do número de pessoas que se encontram na faixa etária acima dos 70, 80, 90 e até dos 100 anos. Em 2017, o país atingiu a marca de 30,2 milhões de idosos, conforme dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, divulgados pelo IBGE (2018). No mundo, somos o quinto país com maior população na terceira idade.

As transformações ocorridas no padrão demográfico brasileiro constituem uma das mais importantes modificações estruturais verificadas na sociedade. Iniciadas, de forma tímida, a partir dos anos 1940, essas mudanças se acentuaram após a década de 1960, com declínio expressivo nos níveis de fecundidade, redução na taxa de crescimento populacional e alterações na pirâmide etária, daí resultando o incremento mais lento do número de crianças e adolescentes paralelamente ao aumento contínuo da população em idade ativa e da população idosa. (IBGE, 2019).

Constata-se que a população brasileira está vivendo mais. Questiona-se, contudo, como essa população está sendo percebida, assistida, ou mesmo, como ela está se percebendo. Afinal, que estratégias essas pessoas desenvolvem para viver (bem e melhor)? Nessas indagações, são contempladas a gerontologia, as políticas públicas, a família, as diversas instituições que atendem ou se preocupam com a população idosa, para citar algumas. Entende-se, no entanto, que existem diferentes gerações de idosos e que é necessário estar alerta para os programas destinados a essa população. Nas palavras das autoras Camarano, Kanso & Leitão e Mello (2004, p. 25), “a heterogeneidade desse segmento

extrapola a da composição etária. Dadas as diferentes trajetórias de vida experimentadas pelos idosos, eles têm inserções distintas na vida social e econômica do país.”

No *Plano de Ação Internacional Contra o Envelhecimento*, elaborado e divulgado pela Organização das Nações Unidas (ONU), consta como diretiva ratificada neste projeto:

Elaborar e promover amplamente um marco normativo onde haja responsabilidade individual e coletiva de reconhecer as contribuições passadas e presentes dos idosos, procurando resistir a mitos e idéias pré-concebidas e, conseqüentemente, tratar os idosos com respeito e gratidão, dignidade e consideração. (ONU, 2003, p. 73).

Vale destacar que para pensar os conflitos e a invisibilidade da pessoa idosa (a palavra “invisibilidade” surgiu no discurso de idosas que frequentam os cursos do NIETI), a teoria de Elias (2000) acerca dos “estabelecidos” e dos “outsiders” detém os argumentos para a discussão – assim, os grupos jovens que frequentam a universidade seriam os estabelecidos, e os grupos de idosos seriam os *outsiders*. De acordo com Elias (2000, p. 22-23),

o grupo estabelecido tende a atribuir ao conjunto do grupo outsider as características ‘ruins’ de sua porção ‘pior’ [...]. Há sempre algum fato para provar que o próprio grupo é ‘bom’ e que o outro é “ruim”.

Ainda nessa linha de pensamento, Motta (2010, p. 226) nos lembra, então, que geração “representa a posição e atuação do indivíduo em seu grupo de idade e/ou de socialização no tempo. Daí o sentido dinâmico ou instável e plural que essa condição, de saída, representa.”

Muitos foram os aspectos observados no campo estudado, no entanto, o olhar direcionado para o discurso da pessoa idosa acerca de suas vivências e suas perspectivas de vida, com destaque para suas relações interpessoais e seus projetos a curto, médio e longo prazo, ratifica que “é a própria percepção da velhice como o último momento de vida que torna possível a formulação e execução de um projeto de vida”, como afirma Barros (2006, p. 112).

Termos como ‘velhice’ e ‘terceira idade’ são construções sociais, como esclarece Longhi (2018). Ou seja, são definições culturalmente identificadas e conceituadas por cada sociedade. No Brasil, tomando como exemplo, há muitas diferenças nos grupos da terceira idade entre as regiões Sul e Nordeste, nos aspectos de qualidade de vida, trabalho, saúde, acesso às tecnologias. Em um mesmo contexto, como o paraibano, as diferenças são percebidas quando comparamos grupos de terceira idade em João Pessoa, a capital, em relação aos de um município pequeno do sertão paraibano. Os diversos modos de perceber e de entender o que é ser “terceira idade” perpassam tais questionamentos.

[...] Ao menos nas grandes cidades, a população idosa se torna visível, sai às ruas, discute seus problemas, bronzeia seu corpo, faz ginástica e dietas, frequenta filas, reclama, e se coloca na vida social como uma categoria afirmativa - o idoso - e não mais por subtração - o que não é jovem. (STEPANSKY, 2012, p. 167).

Mas, sobretudo, é importante ressaltar a problemática do corpo nessa construção social. Se, na visão de Campelo (1996, p. 66), “é no corpo que se vai gravando a história da cultura a que aquele corpo pertence”, a terceira idade, enquanto identidade, passa por diversas modificações conceituais por meio das mudanças tecnológicas, como exemplo citado por Stepansky (2012):

Há, entretanto, um novo envelhecimento sendo construído. O envelhecimento nas metrópoles pós-modernas é complexo, diversificado, construído e reconstruído pela permanente construção e reconstrução do corpo e das imagens do corpo. É o envelhecimento de mulheres e de homens que assumiram o corpo, o prazer, a profissão e a individualidade como componentes de uma nova identidade, menos dependente dos vínculos familiares e socioculturais. (STEPANSKY, 2012, p. 166).

Se é no corpo que carregamos nossa cultura, é também no corpo que demonstramos nosso processo de apreensão da realidade, imagem essa compartilhada e visibilizada como espelho que reflete o que somos.

## **Usos das tecnologias digitais na terceira idade**

Consideramos que a problemática em torno da cultura digital na educação também deve ser ampliada e discutida sobre grupos mais heterogêneos, como nos exemplos trazidos acerca do objeto de estudo em pauta. Para tanto, o debate em torno da relação comunicação-educação, consoante Martín Barbero (2014), corrobora as elocuições dos espaços que produzem ações do sujeito, não só na escola. “Se comunicar é compartilhar a significação, participar é compartilhar a ação. A educação seria, então, o lugar decisivo de seu entrecruzamento.” (MARTÍN BARBERO, 2014, p. 78).

Dentro desse sentido, Dantas et al. (2014), a partir da discussão da terceira idade, enxerga o uso das tecnologias digitais como instrumento de relações sociais. Mais que estar “atento” ao mundo tecnológico, os dispositivos midiáticos possibilitam, para este grupo, uma maior interação na sociedade.

O tempo disponível com a chegada da terceira idade pode ser ocupado de forma prazerosa pela busca por novos conhecimentos, o que é essencial para a conservação da saúde mental, uma vez que, a maioria dos idosos sofre de doenças psicológicas decorrentes da falta de estímulos neurológicos. O domínio das tecnologias computacionais amplia experiências, amizades e horizontes e proporciona uma forma de lazer segura e desafiadora e evitando doenças tal como a depressão. (DANTAS et al, 2014, p. 3).

Acreditamos na educação como elemento essencial na formação de novos saberes cognitivos, a partir do que entendemos sobre os processos comunicacionais, principalmente no que tange às relações exercidas pelo grupo que compõe a chamada ‘terceira idade’. Portanto, o papel das instituições de aprendizagem – como escolas, faculdades, universidades, centros técnicos – é importante nesse contexto, se considerarmos a função social que cada uma delas desempenham no país.

Essas instituições têm a árdua função de preparar seus aprendentes, independentemente da idade, para vivências coletivas, interdependentes, porém autônomas, numa realidade cada vez mais globalizada e regida por princípios tecnológicos. (TRINDADE; GICO, 2009, p. 5).

Apesar disso, é necessário relativizar e trazer ao debate os conflitos existentes ante as gerações sob a ótica da tecnologia. Não se trata apenas de ‘alfabetizar’ os idosos para o universo da cultura digital, mas sim compreender as práticas sociais existentes a partir de suas demandas com estes novos dispositivos midiáticos.

Um fato que não se pode deixar de mencionar é o preconceito, pois, na verdade, toma-se difícil saber conviver com pessoas que apresentam determinados tipos de limitações. Por vezes, lamentavelmente, encara-se o idoso como deficiente, pelo simples fato de terem restringidas algumas das habilidades que possuíam na juventude. (ZORRÓN BERLINCK; MATTOS BERLINCK, 1998, p. 50).

McLuhan (1964), ao contextualizar os meios de comunicação como extensões do corpo humano, traz uma reflexão acerca dos reprocessamentos que fazemos dos usos de dispositivos tecnológicos como o celular. Se toda tecnologia cria gradualmente um ambiente humano totalmente novo, na educação, por conseguinte, há um sentido de descoberta, já que a problemática, na visão do autor, não está na máquina, mas sim no uso que se faz dela.

Costa e Andrade (2015) corroboram o discurso quando questionam o papel da tecnologia dentro do processo de formação e constituição do sujeito, por meio de pedagogias praticadas também por artefatos midiáticos, em distintos espaços e contextos. Quando o idoso decide aprender um novo idioma porque quer conversar e namorar pessoas de outros países, mostra que, “em tais práticas, importam menos as aprendizagens do ‘exterior’ e mais as relações reflexivas dos sujeitos consigo mesmos.” (COSTA, ANDRADE, 2015, p. 844).

Porém, a função social das instituições de ensino precisa ir além das tecnologias digitais, das desigualdades socioeconômicas, e possibilitar propostas de construções de diálogos e de interações, conforme Buckingham (2010). Se a problemática aqui é a de discutir o processo midiático na educação, dentro do grupo de terceira idade,

[...] significa também reconhecer as diversas formas como a mídia é utilizada, por exemplo, por diferentes grupos sociais, e refletir sobre como ela é usada no cotidiano - e como pode ser usada de modo diferente. (BUCKINGHAM, 2010, p. 51).

A partir disso, discutimos o papel que essas tecnologias digitais desempenham no cotidiano e na vida desses sujeitos, ao reproduzir e criar gostos, valores, pensamentos e, acima de tudo, comportamentos.

### **Perfil dos entrevistados**

Antes de iniciar, de fato, a análise das entrevistas semiestruturadas, é importante trazer e contextualizar o perfil do grupo participante da pesquisa, a partir de dados coletados em campo. Ressalta-se, primeiramente, que todos os entrevistados são de classe média, o que demonstra um fácil acesso na obtenção de dispositivos tecnológicos, como celulares mais caros com ferramentas avançadas. Ou seja, há aqui um ponto essencial nas diversas categorias de terceira idade, e tem relação com o poder econômico ao chegar aos 60 anos. Destaca-se ainda que 89% dos entrevistados têm ensino superior completo.

Sobre o acesso à internet, todas as pessoas entrevistadas fazem uso do celular, sendo o *WhatsApp* (serviços de envio de mensagens) o aplicativo mais acessado. Em seguida, vêm as redes sociais, como o *Facebook* (67% mencionaram fazer uso de pelo menos uma rede social). Na mesma proporção, segue o *Youtube* (plataforma de vídeos *online*), seja para escutar músicas ou mesmo para estudar. Em média, usam o celular pelo menos uma hora por dia.

Eu uso muito o *WhatsApp*. Tenho redes sociais, mas não uso, nem uso. Escanteio. O *WhatsApp* é suficiente, me comunico com os amigos, família, com as pessoas de muitos anos de quando eu era jovem, com todo mundo. Tenho facilidade com essas tecnologias. Por exemplo, tirar do *WhatsApp* [fotos, vídeos] e colocar na nuvem, olhar as minhas anotações que tenho, aí a gente faz. (ENTREVISTADA 9, informação verbal).

Entre as pessoas que disseram que usam o computador no cotidiano, 45% foram afirmativas. As principais queixas dos que não utilizam tal dispositivo são em relação à dificuldade no uso. Sobre a facilidade com as novas tecnologias, 89% disseram que não têm problemas, apesar de precisarem da ajuda de filhos, netos e amigos quando surgem dúvidas.

Nos estudos da língua francesa, 89% afirmaram que usam o celular como ferramenta de aprendizagem, sendo o tradutor o aplicativo mais acessado. Em seguida, vem o *Youtube*, na busca de canais de músicas em francês. Na sala de aula, 45% responderam que usam o celular, principalmente na busca de significados de palavras desconhecidas.

Apesar do uso liberado de dispositivos tecnológicos pela professora, nos casos mencionados, 55% ainda preferem o contato físico no espaço educacional. Entretanto, 89% gostariam que a educadora utilizasse mais ferramentas digitais no processo de aprendizagem do Francês, a exemplo de jogos interativos. Este último dado demonstra que há sim uma demanda pelo uso de atrativos midiáticos em sala de aula

É oportuno mencionar que 78% dos interlocutores afirmaram que ficaram sabendo do curso de língua francesa do NIETI por meio do *Bom Dia Paraíba*, noticiário local da TV Cabo Branco, afiliada da Rede Globo.

Sobre a terceira idade, sete dos nove entrevistados disseram que têm uma imagem positiva sobre o processo do envelhecimento. Em relação à interação com a turma, oito deles afirmaram não terem problemas no convívio. Dos nove, oito ressaltaram que estar em uma sala de aula com colegas da mesma faixa etária facilita o processo de aprendizagem do Francês, principalmente pelo ritmo de assimilação. Somente um entrevistado afirmou que às vezes isso não ajuda muito, já que, quando há muitas dificuldades com o idioma, a repetição nos assuntos acaba dando um ritmo menos equilibrado.

Em relação aos meus colegas, sinto uma dificuldade de assimilação. Precisa repetir, precisa de paciência, como aluno não posso cobrar isso, coisas assim. Não pode ter um ritmo único ou mesmo acelerado. É preciso um equilíbrio. (ENTREVISTADO 7, informação verbal).

Quanto à oportunidade de estudar em uma sala de aula com jovens (de nove pessoas, três disseram que passaram por essa experiência em outros cursos da instituição), duas disseram que tiveram dificuldades no processo de aprendizagem. Não pela interação, já que não houve problemas ante essa questão, mas sim pelo ritmo dado pela professora de então. Para outros, contudo, a experiência pode ser edificante: “Se tivesse jovens, seria até melhor. Quando eu tô em casa, minha neta de dez anos é uma medonha, já vai no Google, diz que minha pronúncia tá errada. É uma troca.” (ENTREVISTADA 4, informação verbal).

Esse testemunho ratifica o pensamento de Monero e Gisbert (2005, p. 11) os quais nos informam que “os métodos de aprendizagem cooperativa não tiram partido apenas das diferenças entre os alunos, mas muitas vezes precisam delas.” Nesse sentido, Oliveira (1999, p. 277 apud FERRIGNO, 2003, p.147) nos informa que “a co-educação de gerações supõe da parte dos que estão envolvidos, uma predisposição para aceitar as peculiaridades que a diversidade de tempos imprime na formação de cada qual.” A relação aqui posta reflete, de certa maneira, as práticas sociais impactadas pelas afetações dos diversos usos desses suportes tecnológicos na comunicação existente no grupo.

### **Análise das entrevistas**

Aprender um novo idioma, para o grupo da terceira idade em evidência, representa não somente uma oportunidade de manter o cérebro ativo ou ocupar o tempo após a aposentadoria. Dois discursos colhidos durante as entrevistas semiestruturadas ressaltam tal perspectiva. A primeira, seria a oportunidade de estudar uma língua com a qual o grupo se identifica, já que, por causa do trabalho ou dos estudos na juventude, as pessoas participantes da pesquisa eram obrigadas a aprender Inglês; e a segunda seria a representação de um sonho: poder viajar para o exterior e se comunicar no idioma estrangeiro.

As tecnologias digitais existentes permitiram para o grupo da terceira idade ampliar o arcabouço e o acesso a novas fronteiras, como aprender um novo idioma. Nessa perspectiva, a ENTREVISTADA 1, de 67 anos, merece, a partir de seu lugar de fala, uma atenção

especial. Expliquemos: do grupo entrevistado, ela é a que possui um contato maior com dispositivos midiáticos, chegando a ficar mais de quatro horas conectada diariamente.

Há oito anos, a ENTREVISTADA 1 ficou viúva. O contato com as tecnologias digitais nasceu a partir desse momento. Apesar de não costumar falar a respeito, a perda do companheiro a possibilitou perceber o mundo de uma outra forma. Foi também a maneira que encontrou de recomeçar a vida. “Depois que fiquei viúva, trabalhei mais dois anos, e resolvi assumir minha vida da minha forma, coisas que não podia fazer antes, comecei a fazer.” (ENTREVISTADA 1, informação verbal). Desde então, decidiu que iria aprender a falar outros idiomas, namorar por aplicativos, conhecer novas pessoas.

O primeiro idioma em que se matriculou foi o Espanhol. Começou estudando sozinha. No *Facebook*, primeira rede social na qual se inscreveu, entrou em uma comunidade onde só se falava a língua espanhola. Juntamente com vídeos do *Youtube*, aprendeu rápido o idioma. Quando se sentiu segura, decidiu comprar uma passagem aérea para o Peru, onde ficou por trinta dias. Era a primeira vez que saía do Brasil.

Quando perguntada sobre o porquê de ter decidido estudar Francês, a ENTREVISTADA 1 fez uma analogia com a própria vida, já que, antes de ter acesso às tecnologias digitais, a sua existência enquanto pessoa era uma “sala escura”.

O Francês era uma sala escura - é uma sala que entra de olhos vendados, que não sabe o que você vai encontrar lá quando a luz abrir. Você só entra com vontade, mas você não tem conhecimento nenhum, o que tem lá dentro, que móveis têm lá dentro, você não sabe o que tem lá dentro. (ENTREVISTADA 1, informação verbal).

Na sala de aula, usa o tradutor do celular para ajudar nas tarefas e dúvidas que tem. Em casa, utiliza-se da mesma ferramenta para conversar com pessoas de outros países por meio do *Hangout* (sistema de comunicação por vídeo do *Google*). Atualmente, está em contato com um nigeriano. Como ele não sabe Português – nem Inglês –, se comunicam traduzindo as falas pelo *app*. A ENTREVISTADA 1 também já usou o *Tinder* para namorar, mas não é muito adepta desse aplicativo.

Outro ponto importante levantado pela interlocutora é a visão que tem do que seriam tecnologias digitais. Sem perceber, fez uma das melhores conceituações da relação corpo-dispositivos tecnológicos, debate este trazido pelo presente artigo.

Sobre tecnologia digital, eu vou falar como entendo. Pra mim é um meio onde... tem que estar usando o seu digital, uma senha de banco, você vai, faz sua biometria, agora pra fazer título, mostra o olho. Digital pra mim é isso, é tocar seu físico, sua digital, pra você ter acesso. É o meu entender. (ENTREVISTADA 1, informação verbal).

Tal discurso permeia os diálogos de Costa e Andrade (2015), por exemplo, quando elucidam as práticas sociais como pedagogias que ensinam e contextualizam o sujeito no universo que ocupa. Para a ENTREVISTADA 1, as tecnologias digitais são mais que um processo de modernização da sociedade; são a possibilidade de construção de redes intercaladas por afetividades e aprendizagens. A perspectiva levantada pela entrevistada evidencia assim o que McLuhan (1964) debate quando afirma que toda tecnologia gradualmente cria um ambiente humano totalmente novo. Para o grupo da terceira idade estudado, percebe-se essa tessitura em campo.

Ainda dentro desse contexto, ressaltamos aqui que os usos desses dispositivos tecnológicos permitiram ainda uma mudança de comportamento com a vida e com o próprio corpo. Primeiro, pela possibilidade de acessar espaços antes desconhecidos, modificando as práticas de produção, circulação e consumo da terceira idade. Quando a ENTREVISTA 1 afirma que começou a se perceber e se enxergar como protagonista de sua própria história graças ao uso da tecnologia, há aqui também uma alteração de postura corporal melhorando, por exemplo, sua autoestima e sua definição sobre o processo de envelhecimento.

O discurso, assim, permeia o que Stepansky (2012) chama de “novo envelhecimento”, chamando a atenção para a visibilidade da terceira idade na sociedade, ressignificando os olhares ante este corpo que, cada vez mais, ocupa espaços nas grandes cidades e que demanda políticas públicas. Aqui é importante ressaltar que, por terem dedicado toda uma vida ao trabalho e à família, os/as idosos/as entrevistados/as para este artigo afirmam que, ao

chegarem na terceira idade – tendo acesso à aposentadoria –, puderam se “libertar” das amarras que os prendiam.

Nesse intuito, um segundo ponto que levantamos é a definição do que é ser e estar na terceira idade, a partir das falas do grupo. Para a ENTREVISTADA 4, de 71 anos, envelhecer foi a melhor coisa que aconteceu na vida, “um privilégio”, diz. Além disso, o acesso às tecnologias digitais permitiu criar laços mais afetivos com os netos, modificando as práticas sociais existentes.

Eu acho que terceira idade, se referindo à velhice, tá na cabeça de cada um. A gente envelhece o corpo, mas a mente vai de cada um. Tento manter minha mente jovem, não sou uma velha ranzinza, esperando a morte chegar. Eu quero viver, procurando sempre me renovar. Jogo com minha neta, não fico num canto fazendo croché, procuro viver a vida numa boa, desde que eu me sinta bem. Pra mim é um barato. (ENTREVISTADA 4, informação verbal).

É interessante notar nas falas a presença da palavra ‘corpo’, utilizada muitas vezes pelas interlocutoras. Há, nesta última citação, na visão da ENTREVISTADA 4, uma conceituação corporal em relação à mente. É natural, pelo processo da vida, que o corpo físico ‘envelheça’, mas a questão aqui levantada é a de como nos posicionamos perante tal transformação. Assim, podemos indagar: o que é envelhecer? A mente, como parte integrante desse corpo, também não envelhece? Como nos enxergamos? Essas inquietações reverberam em nossa imaginação.

Outra questão ressaltada é o uso de uma linguagem ressignificada. Ao utilizar o termo “é um barato”, a ENTREVISTADA 4 mostra estar atenta às mudanças da sociedade. O contato com a neta, evidenciado pela relação com as tecnologias digitais, permite, assim, este acesso.

Pereira (2014) vê o uso desses dispositivos como processos na construção de linguagens e sentidos corporais dentro da diversidade de discursos. Tal ênfase permeia as multiplicidades de canais comunicativos acessados pelo grupo da terceira idade estudado, acerca da interação com ferramentas que funcionam como pedagogias no processo de aprendizagem.

Para além do Francês, os/as entrevistados/as fazem uso do celular nas principais tarefas do cotidiano, seja para pagar uma conta, acessar os dados bancários, fazer compras, entre outros. A ENTREVISTADA 9 (informação verbal), a título de exemplo, diz que o acesso às tecnologias é uma forma de não ficar “gagá”, ou seja, de não ter a mente enfraquecida por causa do avançar da idade. Seja para estudar ou tirar dúvidas, a internet possibilita “estar viva”, complementa. Ressaltamos, novamente aqui, as afetações ocasionadas por esses dispositivos nos significados existentes em torno do conceito de terceira idade, mudanças essas que modificam as práticas sociais do grupo em evidência. Acima de tudo, por essas pessoas adquirirem uma visibilidade antes negada pela sociedade.

Dentro desse questionamento, trazemos ainda um discurso obtido em campo que reflete uma visão negativa, não só do acesso à tecnologia, mas também à velhice. Para o ENTREVISTADO 7, ser idoso não é algo bom, já que, juntamente com a terceira idade vêm os problemas de saúde e a morte das pessoas mais próximas. São discursos legítimos e importantes. Ressaltamos aqui a negação ao corpo, ao reflexo que é visto no espelho. Em *O Corpo Utópico*, Foucault (2013, p. 8) questiona brevemente essa relação. O autor acrescenta: “No entanto, este mesmo corpo que é tão visível, é afastado, captado por uma espécie de invisibilidade da qual jamais posso desvencilhá-lo.” (FOUCAULT, 2013, p. 10).

Essa visão negativa da terceira idade, evidenciada pelo ENTREVISTADO 7, também é percebida quando é questionado sobre os dispositivos tecnológicos. “Imagine um dinossauro agora, aqui. Seria assustador. É o que acontece comigo com essas tecnologias. Para mim, é um dinossauro.” (ENTREVISTADO 7, informação verbal).

Acreditamos que o que oprime, para o ENTREVISTADO 7, não é o aparelho tecnológico em si, mas a percepção que tem sobre o envelhecimento. Essas descobertas são vistas de forma cautelosa. Não houve uma maior abertura por parte do interlocutor para que se pudesse entender melhor os questionamentos trazidos pelo mesmo, evidenciando, assim, a importância e a continuação do presente estudo em futuras pesquisas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo buscou então analisar como as tecnologias digitais afetam as relações sociais de um grupo da terceira idade do NIETI-UFPB, dentro do espaço acadêmico e no cotidiano – a partir das nuances do corpo, da mídia e do envelhecimento. O vínculo do grupo da terceira idade com as tecnologias digitais representa mais do que um simples e mero contato com dispositivos midiáticos para se ficar atento às atualizações em torno da modernização. É a forma que muitos têm para ocupar um espaço, recomeçar a vida, fazer novas amizades. No mesmo intuito, vem o aprendizado com o idioma.

Rompe-se, assim, a visão que a sociedade tem ante a pessoa idosa. Ainda há o discurso de que é preciso que a terceira idade ocupe a mente para não adoecer, como percebido inclusive em algumas narrativas colhidas entre o grupo estudado. Na verdade, como foi evidenciado pelas falas dos interlocutores e das interlocutoras, chegar a esta fase da vida representa um início cheio de percalços e novidades.

Outro ponto importante a mencionar é a relação entre gerações no contato com as tecnologias. Alguns dos entrevistados mencionaram sofrerem represálias dos próprios filhos. Um deles chegou a dizer que o primogênito o chamava de “burro” por não ter facilidade com os dispositivos midiáticos. Porém, o mesmo entrevistado menciona a paciência e o amor do neto de 10 anos ao tentar explicar as dúvidas correntes.

São relações afetivas, práticas sociais, construções de identidades envolvidas no uso dessas tecnologias digitais. Este corpo quer ser ouvido, quer ter voz, e acima de tudo, quer viver, não sobreviver. No fundo, isso é o que importa.

Este trabalho, acreditamos, traz contribuições para as áreas de educação, antropologia e comunicação. É importante frisar que, mesmo assim, merece ter um olhar ampliado nessas mesmas áreas, incluindo outras, descaracterizando a imagem da pessoa idosa como “coitada”.

Claro, ressalta-se que os idosos do NIETI são uma representação de um pequeno universo, e podemos encontrar diversas outras abordagens, que dependem de outros fatores,

como o econômico, por exemplo. Conhecemos casos em que, ao se aposentar com um salário mínimo, o idoso não tem condições de viajar para fora do país. Isso, porém, não o impede de aprender um idioma, de voltar a estudar, de iniciar novas relações.

Verifica-se, portanto, que não estão esgotadas as possibilidades acerca da problemática trazida. Como já mencionamos, o tema é amplamente conhecido, e nossa contribuição é fornecer uma nova perspectiva acerca do grupo ora estudado, não havendo, inclusive, nenhum estudo no NIETI nesse sentido.

Stepansky (2012) nos alerta:

Se esta imagem não é tão bonita quando desejaríamos que fosse porque a velhice não é tão feliz quanto o progresso poderia fazê-la, não há como mudá-la. Mas há que mudar a vida e as estruturas que assim a fizeram. O modo como uma sociedade trata a velhice é um dos espelhos que mais fielmente a reflete. (STEPANSKY, 2012, p. 166).

Estudos como o que trazemos ajudam a perceber que a educação está presente ao longo da vida, e que o uso de tecnologias se apresenta como uma alternativa para que as pessoas idosas continuem a aprender e a aproveitar seu tempo. Como corroborado por diversos relatos, elas se sentem estimuladas a acessar aos diversos dispositivos postos ao seu alcance, abrindo assim novas possibilidades e oportunidades. Destaca-se que a facilidade a essas ferramentas no processo de aprendizagem se dá principalmente por se tratar de um grupo de classe média. Esta mesma realidade poderá não ser tão facilmente encontrada em grupos de classe baixa, por exemplo, para o qual seria necessário demandar a criação de uma política pública com foco na inclusão digital como uma estratégia metodológica educacional para pessoas dessa faixa etária.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, T.; LOURENÇO, M. L. Reflexões: conceitos, estereótipos e mitos acerca da velhice. **RBCEH**, Passo Fundo, v. 6, n. 2, 2009.

BARROS, M. M. L. de. Trajetória dos estudos de velhice no Brasil. **Sociologia, Problemas e Práticas**, n.º 52, 2006.

BUCKINGHAM, D. Cultura Digital, Educação Midiática e o Lugar da Escolarização. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 35, n.3, 2010.

CAMARANO, A. A.; KANSO, S.; LEITAO E MELLO, J. **Como vive o idoso brasileiro?** Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60? Rio de Janeiro: IPEA, 2004.

CAMPELO, C. R. **Cal(e)idoscorpos**: um estudo semiótico do corpo e seus códigos. São Paulo: Annablume, 1996.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COSTA, M. V.; ANDRADE, P. D. Na produtiva confluência entre educação e comunicação, as pedagogias culturais contemporâneas. **Perspectiva**. Florianópolis, v. 33, n. 2, 2015.

DANTAS, M.; OLIVEIRA JÚNIOR, P.; MARQUES, D.; VIANA, M. Os benefícios da inclusão digital na terceira idade - relato de experiência. In: Congresso Internacional de Educação e Inclusão, 2014, Campina Grande – PB. **Anais...** Campina Grande-PB: UEPB, 2014.

ELIAS, N. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

FERREIRA, M. C.; TEIXEIRA, K. M. D. O Uso de Redes Sociais Virtuais pelos Idosos. **Revista Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**. Porto Alegre, v. 22, n.3, 2017.

FERRIGNO, J.C. **Co-educação entre gerações**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2003.

FOUCAULT, M. **O corpo utópico, as heterotopias**. São Paulo: N-1 Edições, 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE) – **Estudos e Análise 2019**. Disponível em:  
<[https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/alteracoes\\_e\\_impactos/default.shtm](https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/alteracoes_e_impactos/default.shtm)>.  
Acesso em: 23 jul. 2019.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2018**.

Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/17270-pnad-continua.html?=&t=o-que-e>>. Acesso em: 30 ago. 2019.

LONGHI, M. R. Eu tô fazendo certo, tô não? Envelhecimento, políticas de saúde e relações de cuidado. In: MALUF, S. W.; SILVA, E. Q. (Org.). **Estado, Políticas e Agenciamentos Sociais em Saúde: Etnografias comparadas**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2018, p. 189-204.

MARTÍN BARBERO, J. **A comunicação na educação**. São Paulo: Contexto, 2014.

MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem**.

São Paulo: Cultrix, 1964.

MONERO, C. & GISBERT, D.D. **Tramas: procedimentos para a aprendizagem cooperativa**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

MOTTA, A. B. da. A atualidade do conceito de gerações na pesquisa sobre o envelhecimento. **Revista Sociedade e Estado**, v. 25, nº 2, 2010.

**ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU)**. Plano de ação internacional contra o envelhecimento./Organização das Nações Unidas; tradução de Arlene Santos. — Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2003.

PEREIRA, R. S. **Multiletramentos, tecnologias digitais e os lugares do corpo na educação**. Tese doutorado - Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Educação. Florianópolis, 2014.

STEPANSKY, D. Velhice, imaginário e cidadania. In: VILLAÇA. F. G., KOSOVSKY, E. (Orgs.). **Que corpo é esse?**, Rio de Janeiro: Mauad, 2012, p. 155-170.

TRINDADE, L. ; GICO, V. Tecnologias da Informação, Terceira Idade e Educação. In: XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Curitiba, 2009. **Anais...** Curitiba: INTERCOM, 2009.

ZORRÓN BERLINCK; MATTOS BERLINCK. Terceira Idade e Tecnologia. **Comunicação & Educação**, São Paulo, v. 11, n. 48 a 52, 1998.

## **CORPOREALITY, DIGITAL TECHNOLOGIES AND AGEING: REFRAMES OF THE OLD AGE IN THE EDUCATIONAL PROCESS.**

**Abstract:** This paper discusses how digital technologies modify the social relations of an old age group, within the academic space and in daily life – based on the relationship between body, media and ageing. In the Federal University of Paraíba (UFPB), some students of the French Course of the *Núcleo Integrado de Estudos e Pesquisas da Terceira Idade* (NIETI – Integrated Center for Old Age Studies and Research) were taken up for study. One sought to understand their demands and complexities for a reframe, concerning to old age nowadays. As a methodological approach, semi-structured interviews and participant observation were used. Regarding to the theoretical framework, this study interacts with authors from sociology, anthropology, communication and education, such as Campelo (1996), Buckingham (2010), Stepansky (2012), Martín Barbero (2014) and Longhi (2018). As a conclusion, digital technologies modify the social practices of the old age, and become pedagogies in the process of affective relationships, in yearnings for interaction with other groups, and in the search for belonging to an educational space.

**Keywords:** Education. Media. Body. Digital technologies. Ageing.

## **CORPOREIDAD, TECNOLOGÍAS DIGITALES Y ENVEJECIMIENTO: RESIGNIFICACIONES DE LA TERCERA EDAD EN EL PROCESO EDUCACIONAL**

**Resumen:** El presente artículo analiza cómo las tecnologías digitales cambian las relaciones sociales de un grupo de la tercera edad, dentro del espacio académico y en la vida diaria - bajo la relación cuerpo, medios y envejecimiento. El objeto de estudio son los estudiantes del curso de Francés del Núcleo de Estudios e Investigación de la Tercera Edad (NIETI – acrónimo en portugués), de la Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Brasil, donde se busca entender las complejidades y demandas de la persona mayor por una resignificación acerca de lo que es ser tercera edad en el escenario actual. Como propuesta metodológica, se utilizan entrevistas semiestructuradas y la observación participante. Dentro del marco teórico, hay diálogos con autores de la sociología, antropología, comunicación y educación, como Campelo (1996), Buckingham (2010), Stepansky (2012), Martín Barbero (2014) y Longhi (2018). La investigación concluye que las tecnologías digitales cambian las prácticas sociales de la tercera edad, transformándose en pedagogías de relacionamientos afectivos, en la busca por una interacción con otros grupos y de pertenecer a un espacio educacional.

**Palabras clave:** Educación. Medios. Cuerpo. Tecnologías digitales. Envejecimiento.

Submetido em: Agosto de 2019.

Aprovado em: Outubro de 2019.

Publicado em: Dezembro de 2019.

